

## UMA HIPÓTESE HOMEOSTÁTICA NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA

## UNA HIPÓTESIS HOMEOSTÁTICA EN LA FILOSOFÍA ARISTOTÉLICA

Gustavo Luiz Gava<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesta pesquisa, busca-se como objetivo geral apresentar que a filosofia de Aristóteles supõe uma extensão desde os traços dos primeiros estímulos comuns até as faculdades noéticas. Trata-se de um modelo fisiológico que visa sustentar que a homeostase humana não termina na organização corpórea, mas sim, acresce aos estados perceptivos e reflexivos. Apresenta-se o processo de homeostase como uma relação entre os ruídos do mundo e o nosso sistema nervoso. Este processo seria um dos principais papéis do sistema nervoso: gerador de ordem. Considera-se, assim, a vivacidade contemporânea de Aristóteles entre a filosofia, a biologia e a física, mas principalmente as discussões acerca da deflação informacional. A metodologia da pesquisa se baseou exclusivamente em levantamentos bibliográficos interdisciplinares em relação à problemática de Aristóteles. Em geral, o resultado alcançado nessa pesquisa demonstra que existem alguns fatores que devem ser considerados na relação à filosofia aristotélica: de que a teórica e a homeostase perceptiva na relação ativa com o mundo indicam uma deflação informacional.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Homeostase. Deflação. Tríade Mundo-Corpo-Mente.

**Resumen:** En esta investigación se pretende como objetivo general presentar que la filosofía de Aristóteles supone una extensión desde las huellas de los primeros estímulos comunes hasta las facultades noéticas. Es un modelo fisiológico que pretende sostener que la homeostasis humana no se agota en la organización corporal, sino que se suma a los estados perceptivos y reflexivos. El proceso de homeostasis se presenta como una relación entre los ruidos del mundo y nuestro sistema nervioso. Este proceso sería una de las principales funciones del sistema nervioso: generador de orden. Se considera, pues, la vivacidad contemporánea de Aristóteles entre la filosofía, la biología y la física, pero sobre todo las discusiones sobre la deflación informativa. La metodología de la investigación se basó exclusivamente en encuestas bibliográficas interdisciplinarias en relación con la problemática de Aristóteles. En general, el resultado obtenido en esta investigación demuestra que hay algunos factores que deben considerarse en relación con la filosofía aristotélica: que la teórica y la homeostasis perceptiva en la relación activa con el mundo indican una deflación informativa.

**Palabras clave:** Aristóteles. La homeostasis. La deflación. Tríada Mundo-Cuerpo-Mente

**Abstract:** In this research, it is sought as a general objective to present that the philosophy of Aristotle assumes an extension from the traces of the first common stimuli to the noetic faculties. It is a physiological model that aims to maintain that human homeostase does not end in corporeal organization, but rather, perceptual and reflective states. The homeostase process is presented as a relationship between the noises of the world and our nervous system. This process would be one of the main roles of the nervous system: order generator. Thus, Aristotle's contemporary vivacity is considered among philosophy, biology and physics, but mainly discussions about informational deflation. The research methodology was based exclusively in interdisciplinary bibliographic surveys in relation to Aristotle's problem. In general, the results achieved in this

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Gestão Urbana, Doutor em Filosofia da Mente, Universidade Positivo | Uniregstral | PUCPR, [gustavoluizgava@hotmail.com](mailto:gustavoluizgava@hotmail.com)

research show that there are some factors that should be considered in relation to Aristotelian philosophy: that theoretics and perceptual homeostasis in the active relationship with the world indicate an informational deflation.

**Keywords:** Aristotle. Homeostasis. Deflation. Triad World-Body-Mind.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, pode-se constatar que há considerável número de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que fazem referência aos estudos aristotélicos. Seja em filosofia, biologia, física, entre outras. Todavia, vale ressaltar que se trata de uma releitura –algumas vezes – ausente dos exageros metafísicos que o filósofo passou a ser vinculado. Como acontece, por exemplo, em filosofia da mente, filosofia da ação e biologia teórica. Embora saiba-se que esta orientação de caráter metafísico também esteja novamente em evidência. Temática central, por exemplo, de muitos estudos na área da filosofia da física e da ontologia norte americana – com viés na metafísica escolástica.<sup>2</sup>

Em consideração aos apontamentos destacados no parágrafo anterior, a referência a Aristóteles, para o desenvolvimento do presente trabalho, manter-se-á exclusivamente à relação da via teórica inaugurada pelo filósofo e sua relação com o entendimento do equilíbrio da vida por meio da akrasia. O que possibilita uma análise acerca da compreensão contemporânea que se denomina neste artigo de deflação informacional entre mundo e corpo e que serve às discussões quanto à deflação corpórea dos saltos representacionais e/ou processos cognitivos globais no cérebro humano.

Na contemporaneidade, observa-se um resgate do pensamento de Aristóteles em relação à complexa discussão sobre mundo e realidade<sup>3</sup> – estando presente em diversos estudos sobre mundo, corpo e mente, nos quais alguns pensadores fazem referência às suas abordagens. Como é o caso de Putnam em *A Corda Tripla: mente, corpo e mundo* (2008), McDowell em *Mente e Mundo* (2005), Araoz em *Aristote Avait Raison* (2010), Smith em *O Enigma Quântico: desvendando a chave oculta* (2011) e Bennett & Hacker em *Fundamentos Filosóficos da Neurociência* (2005).<sup>4</sup> Face à importância desta matriz

---

<sup>2</sup> Como é o caso dos pesquisadores Edward Feser (Pasadena City College, California) e Max Tegmark (MIT).

<sup>3</sup> Principalmente em filosofia da ação e filosofia da mente.

<sup>4</sup> Seja em filosofia da mente, em semiótica ou filosofia da física e da matemática observa-se que filósofos e pesquisadores de áreas diversas resgatam a temática naturalista/realista de Aristóteles. Dentre os quais, por exemplo, John McDowell; Hilary Putnam; Charles Peirce; Umberto Eco; Wolfgang Smith; Max Tegmark; Edward Feser; entre outros.

filosófica, a visão aristotélica também serve como pano de fundo na composição da proposta desta pesquisa em três questões centrais: a deflação informacional (os *inputs* devidos do mundo), a homeostase perceptiva (o looping cognitivo) e as funções cognitivas de caráter atemporal/global (os saltos e as ressignificações representacionais).

Os ajustes dessas três funções relacionadas geram o princípio de uma homeostase social. Ou seja, entende-se por homeostase social o equilíbrio da própria vida animal, em alta performance, teórica. Distanciando-se, assim, do homem acrático. Uma vez que após a primeira relação com o mundo (sensória) e, subsequentemente, a ressignificação cognitiva por meio dos limites da carne acerca do próprio mundo, o sujeito torna-se capaz – num distanciamento acrático – de sistematizar a sua decisão final de ação, seja ela física e/ou representacional, a fim de manter a vida em equilíbrio dentre os setores da natureza – mineral, vegetal e animal. Indicando, inclusive, uma ligação axiomática entre as variações dos *ethos*. Isto é, o *éthos* com *épípsilon* em referência a tradição) e o *êthos* com *eta* em referência a razão (Spinelli, 2009). Comportamento automatizado e reflexão moral tornam-se ajustes sociais. Por isso, essa variação em Aristóteles encontra-se conjuntamente relacionada.

Entende-se que há por meio da filosofia aristotélica uma proposta homeostática que está além da biológica. O equilíbrio biológico (organização celular, fluxo sanguíneo, respiração, sentir fome etc.) se encarrega de questões primárias e evolutivas do próprio ciclo vital. Todavia, é no campo da ação/moral que a proposta teórica passa a ser compreendida como homeostase perceptiva. E, subsequentemente, na prática cotidiana, na cidade, no exercício de viver em sociedade entre os pares e toda a natureza entorno, uma homeostase social.

Sob este prisma, o resgate aristotélico também se justifica para pensar uma filosofia para a neurociência, uma vez que, *a priori*, estão presentes em Aristóteles instruções acerca do funcionamento do cérebro humano, a partir das investigações/dissecções realizadas pelo filósofo pré-socrático Alcmeón de Crotona (+- 535 a.C.) – também exímio fisiologista. De igual modo, atualmente entende-se que a filosofia e a neurociência se entrelaçam, investigativamente, por investigarem questões que buscam relacionar a problemática mundo, corpo e mente.

Por isso, alguns pesquisadores e filósofos contemporâneos como Patrícia Churchland (1986; 2008), Paul Churchland (2004), Changeux (2004a; 2004b) Bennett & Hacker (2005) e Tabary (1993)<sup>5</sup> enfatizam a importância de uma epistemologia naturalizada. Ou seja, entende-se que o ponto de partida das análises filosóficas deva ser baseado nas próprias experiências neurocientíficas acerca do cérebro humano e em como se dá o conhecimento a partir desses dados. Atualmente, urge essa epistemológica colaboração interdisciplinar entre filosofia e ciências da mente, de maneira conjunta. Assim, similarmente, tem-se uma filosofia da mente em neurociência, perspectiva epistemológica defendida pelo filósofo Willard van Orman Quine no tratamento dessa proposta filosófica naturalizada. Viés que também inspirou, da mesma forma, diferentes neurocientistas. Como por exemplo, António Damásio (2004).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é o de defender uma base interdisciplinar. Uma vez que o foco das atenções se volta, primeiramente, ao fenômeno, isto é, a homeostática tríade mundo-corpo-mente, mas, principalmente, o fenômeno cognitivo final: a representação e a ação. Estes aspectos têm vindo a ter algum destaque, assumindo-se, atualmente, como uma das problemáticas epistemológicas centrais tanto na filosofia da mente, como na neurociência cognitiva e na ciência cognitiva em geral. E esta admiração perante o fenômeno cognitivo da interface pensamento-cérebro faz parte de um princípio teórico presente na filosofia de Aristóteles:

Vivemos numa época que requer abertura de horizontes. A ideia não é nova. Aristóteles começa a *Metafísica* falando a respeito de sensações e memórias, e sua teoria da ciência tem isso por base. Como ele também diz, filosofa-se a partir da admiração surgida quando se presta atenção no modo de ser das coisas (KICHHÖFEL, 2014, p. 51).

Independente de escolas e teorias fechadas, o princípio filosófico desse trabalho é o teórico e o retrodutivo. A sua relação primeira se dá com os fenômenos: representação/ação e homeostase social. Assim, entende-se que a coluna vertebral e a sustentação dessa pesquisa partem de Aristóteles.

---

<sup>5</sup> Este é o caso, por exemplo, de Patrícia Smith Churchland.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO DA TEORÉTICA ARISTOTÉLICA COMO PRINCÍPIO DE DEFLAÇÃO

Ao salientar o pano de fundo aristotélico nesse horizonte investigativo do que é o mundo e, o que se apresenta por meio do limite da forma (a carne), é importante mencionar que isto não significa que o presente texto venha acompanhado do tratamento do viés escolástico – uma matéria prima, sensível e fecunda por de baixo do próprio mundo. Os axiomas da tradição escolástica foram assertivos (para esta pesquisa) em relação ao limite do corpo e o reforço das reais diferenças ao entendimento sobre os níveis da percepção humana acerca do mundo. A começar pelos sentidos e, subsequentemente, pela razão/contemplação.

Contudo, serve para ressaltar que a filosofia aristotélica, mesmo considerando os estudos da realidade a partir da física contemporânea, não está tão bem resolvida assim.<sup>6</sup> O intuito de leitura sobre o fenômeno deve ser pragmático. E discorrer – quando em uma especulação fenomenológica – acerca da lógica do porquê se tornaria uma matéria constituinte, distanciando-se da ideia de algo que esteja oculto. Isto é, no processo de fluxo informacional entre mundo, corpo e mente, entende-se que não há ocultação. Mas sim, processos deflacionários. Caso contrário, o próprio corpo sucumbiria. Haja vista que a falta de entendimento sobre os fenômenos do mundo físico esteja mais relacionada aos problemas de tecnologia e ontologia, atualmente.

Uma das principais questões aristotélicas acerca do mundo e como este é percebido, envolvendo os setores científicos anteriormente mencionados, parte da premissa em que o próprio filósofo se ancora para conceituar o que compõe o mundo, expresso em sua obra *Física I-II*, ou seja, a denominação acerca dos princípios e do movimento da natureza (ARISTÓTELES, 2009). Também há em seus estudos considerações de outros autores, acerca do tratamento do movimento ou do não-movimento do ente da natureza. Baseado nas especulações anteriores, tem-se afirmado

---

<sup>6</sup> Trabalhando com questões semelhantes, o físico, filósofo e matemático Wolfgang Smith (MIT - *Massachusetts Institute of Technology*) argumentou que na própria física o estudo dos fenômenos (quânticos) acerca da realidade estavam ancorados em princípios ontológicos. E que mesmo na física quântica também existia uma carência ontológica da realidade: “Podemos dizer que a mecânica quântica é uma teoria científica em busca de uma *Weltanschauung*” (SMITH, 2011). Ou seja, esta própria *Weltanschauung* (esse termo é suficientemente disseminado e conhecido para necessitar de tradução) seria um vazio ontológico, como será visto posteriormente.



que para Aristóteles que o ente por si mesmo<sup>7</sup>, quando não, igualmente, poderia acarretar exagero ou falta.

Esta questão vem, por conseguinte, desencadear a problemática platônica: matéria e forma. Sendo assim, entende-se que este pano de fundo permite que Aristóteles mantenha elementos platônicos, mas com o intuito de fornecer uma ponte lógico-semântica. Ou seja, o pano de fundo aristotélico é lógico e atomístico. Há um protocolo de observação *a priori* acerca do mundo – este estado de coisa. Protocolo a partir do qual atualmente se pode encontrar esteio nas discussões da tríade mundo-corpo-mente, tanto na teoria informacional como na teoria biológica.

Aristóteles (2009) foi conduzido à conclusão de que aquilo que se conhece do observável seria um composto, uma fração de alguns itens constituídos do ente em (sua) forma: “o ilimitado em forma.” A forma ilimitada de qualquer coisa não se sustenta inerentemente nos itens observáveis da própria coisa. Entende-se, aqui, a primeira relação a respeito da atual problemática da deflação informacional mundo, corpo e mente. Tudo que parte e se manifesta da natureza seria um contrário. A experiência sensorial seria apenas uma fração, pois tal experiência é particular, é uma parte. Ver ou tocar um “contrário” não seria a essência. Mas sim, e principalmente, a falta.

Para Aristóteles (2009, p. 37-42), “*é evidente que é preciso que algo esteja subjacente aos contrários e que os contrários sejam dois*”. Percebe-se que o “dois” (forma/matéria) é o “um” (natureza) em princípio, só que deflacionado. Pois, ele mesmo afirma que não há a necessidade de que os contrários sejam o “dois”. Em suas palavras: “*a natureza que subsiste é causa auxiliar, junto à forma, daquilo que vem a ser [...] o que deseja a forma é a matéria*.”

Ainda segundo o seu entendimento, a corrupção (deflação) encontra-se na própria natureza, pois a sua manifestação privada em outro *quantum* não a mudaria em princípio (ARISTÓTELES, 2009). Ela é a sua própria privação. E, por ser incorruptível em si, não pode ser outra(o).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Aristóteles afirma que tais estudiosos da natureza partem do princípio de um só corpo subjacente.

<sup>8</sup> É interessante perceber que o entendimento de Aristóteles acerca da natureza muito se assemelha à noção de holograma. Ou seja, há um registro base de toda a sua forma que se manifesta em diversas intensidades no mundo. Mas, quando “iluminada” por meio da percepção de um observador, o seu colapso é fotografado contendo informacionalmente pequenas partes de toda a sua grandeza.

### 3. O VIÉS SEMIÓTICO E FÍSICO-FILOSÓFICO

Atualmente, partindo de uma leitura semiótica, pode-se considerar o *modus operandi* da natureza manifestar-se como o limite natural do próprio fenômeno, em que as manifestações sígnicas (processos fenomênicos ainda em estado de semiose, um proto-signo) que partem de fenômenos inteligíveis, mesmo assim, contêm códigos. Eco (2012) denomina tais manifestações como sendo participantes dentro de um território não-semiótico, seriam códigos subjacentes; e que os limites naturais, num primeiro momento, advêm inferencialmente de em manifestações físicas. É este hiato, esta semiose entre algo que se movimenta *a priori* da significação no mundo, um dos elementos que sustentados pelo presente trabalho a partir de um prelúdio a teoria informacional. Entende-se, assim, que aquilo que os escolásticos definiram por oculto seja um problema de tecnologia em relação à deflação (SMITH, 2011).

Subsequentemente, em meio ao movimento da natureza, há uma presença subjetiva – isto não quer dizer que ela seja misteriosamente oculta – que se pode apresentar de maneira quantitativa. Assim, é nesse intervalo ainda privado que o colapso simbólico pode ser registrado de maneira deflacionada por um observador. Parafraseando Umberto Eco (2012) e Wolfgang Smith (2011, p. 34), os próprios códigos seriam constituídos por atributos quantitativos: seriam entes corpóreos arranjando entidade informacional, sendo esse arranjo perceptivo a causa da perda: “*devemos ter em mente que esses entes – por definição, se quisermos – existem ‘para nós’ como coisas a serem investigadas por meio da percepção*”.

Aristóteles define o termo “privação” como o movimento da forma que se manifesta na natureza (ARISTÓTELES, 2009). Com isto, a relação subjacente a qual se referiu Aristóteles, pode ser designada, em um segundo momento, ao próprio fenômeno qualitativo (a grandeza continua) da deflação. É parte da natureza o processo deflacionário. É a partir desse movimento do mundo, dessa semiose, que o arranjo sígnico por meio do fenômeno pode vir a ser percebido não em sua totalidade, mas apresentando-se quantitativamente por meio de uma parte de sua grandeza, da forma.

Quando Aristóteles argumenta sobre algo subjacente aos contrários (forma e matéria), ontologicamente, o grande mistério não está em algo que se esconde por de baixo – fatores ocultos –, como se fosse uma (*qualità*) matéria secunda, mas sim, no próprio movimento da natureza que se pensava ocultar, encontra-se nada mais que a pura incompreensão física da deflação.<sup>9</sup>

Assim sendo, a grandeza da forma torna-se privada por razões quantitativas e não por dúbia grandeza oculta qualitativa. Ao se fazer essa espécie de expurgo semântico, averigua-se que há, aqui, uma lógica de grandeza – tem-se, então, o que Eco (2012) chama de “limites naturais”. Nesta linha, partindo-se da teoria da informação, é possível entender que o mundo não é um *mysterium*, é apenas desconhecido em sua entidade manifesta numa determinada quantidade.

Com o intuito de facilitar a estrutura desta discussão, salienta-se que é igualmente importante a crença de que talvez tenha ocorrido uma inversão e/ou uma desordem no raciocínio aristotélico acerca do fenômeno no mundo. Esta desordem de raciocínio tem como base a tríade aristotélica de espécies de raciocínios: dedução, indução e retrodução. Vale destacar este ponto, visto que Peirce (2012) afirma que o termo aristotélico “retrodução” é mal traduzido e deturpado por “abdução”.

Para estruturar uma interpretação do fenômeno no mundo, seria adequado propor a hipótese da possibilidade deflacionária. Isto é, informacionalmente quantitativa, por meio do raciocínio da retrodução: uma hipótese provisória a fim de possibilitar experiências futuras. O mundo aduz atributos inferenciais que indicam a sua

---

<sup>9</sup> A incompreensão física da deflação parte, desde os primórdios da teoria da informação de Claude Shannon até a teoria homeostática de Miguel Nicolelis. Sobre isso, a (o argumento central do) presente trabalho está na apresentação sistemática de que os saltos representacionais do cérebro humano acontecem por vias deflacionárias. O equilíbrio homeostático “nada mais” é do que a regulação deflacionária de uma estrutura corpórea que corre o risco de sucumbir a qualquer momento. Atualmente, ainda não se têm meios de alcance cognitivo para esta compreensão evolutiva do sistema deflacionário, a não ser por meio de uma fórmula matemática. Todavia, é possível compreender melhor por que razão alguns fenômenos cognitivos representacionais do cérebro humano possuem características globais. Jerry Fodor esboça o caminho filosófico por meio da teoria do processador central, entretanto, afirma que assumir a existência de fenômenos cognitivos globais da mente humana não seria passível de sustentação e, inclusive, um risco para a Ciência Cognitiva. Afirmação esta contrária ao que é sustentado no desenvolvimento deste trabalho. Em que, inclusive, é viabilizado o caminho para se sustentar epistemologicamente este risco.



grandeza e o sujeito que o interpreta capta uma parte deflacionada do seu movimento. Neste processo de decodificação entre mundo e observador, há uma semiose.

É nesta semiotividade de códigos subjacentes que há a privação. A principal privação do fenômeno é quando a transmissão de um composto sofre deflação sensorio-perceptiva. É por esse motivo que o pano de fundo aristotélico é importante para a discussão da teoria informacional. Na seção 0.7.3 da obra *Tratado Geral de Semiótica* (2012), Eco salienta que a soleira das teorias informacionais deve ser tida em conta para a compreensão do fenômeno deflacionário no mundo, mesmo porque, no processo sensorio-perceptivo, estão envolvidas questões genéticas e neurofisiológicas. Estas questões referem-se à experiência com o mundo e àquilo que dele é reconhecido, que “é ilimitado em forma”. Sendo assim, o que se pode conhecer são apenas alguns itens (ARISTÓTELES, 2009, p. 30).

Ainda, em Física Livro I 187 b 13, do original grego pela *Greek Library da Harvard University Press* complementa-se a passagem: “οὕτω γὰρ εἰδέναι τὸ σύνθετον ὑπολαμβάνομεν, ὅταν εἰδῶμεν ἐκ τίνων καὶ πόσων ἐστίν” (ARISTOTLE, 1957, p. 45)<sup>10</sup>. Destaca-se o termo grego *πόσων*, transliterado *póson*. Quer dizer muitos, em grande quantidade. Ou, na contextualização da tradução de Angioni (2009)<sup>11</sup>; quantos itens. Nessa discussão, optou-se por *πόσων/pósons/itens*.

Por isso, ao se incluir os limites naturais da informação física de Eco (2012) nesta discussão, o entendimento é de que nesta semiose o mundo possui e suporta indicadores, unidades de transmissão; ou melhor, sinais. Estes sinais ou unidades de transmissão “podem ser computadas quantitativamente” (ECO, 2012, p. 15). Mas, para considerar este movimento fenomenológico quantitativamente computável em teoria da informação são precisos os aspectos genético-fisiológicos, tendo em vista que esta transmissão informacional – genética e neurofisiológica – é a criptografia deflacionada do mundo pelos órgãos dos sentidos.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Tradução para o inglês da versão original, *Harvard University Press*: “[...] for we reckon to know about a thing that is put together when we know the quality and quantity of its components” (ARISTOTLE, 1957, p. 45).

<sup>11</sup> Aristóteles. Física I-II. Tradução Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

<sup>12</sup> Adiante é abordado o embate entre a vertente do neurocientista António Damásio e a do físico-matemático e filósofo Wolfgang Smith sobre os processos de como o mundo é percebido. Damásio (em

Voltando ao pano de fundo aristotélico, quando nos relacionamos com o mundo é como se a nossa experiência deflacionária fosse um tipo de acidente, pois ela se torna relativa.

Como Aristóteles explana na sua obra *Ética a Nicômaco* (1973a)<sup>13</sup>, o que existe *a priori* existe por si mesmo. Para Aristóteles, inclusive, esta relação do sujeito com o mundo é uma relação quantitativa, pois, de certo modo, se a substância é anterior ao relativo e aos seus acidentes, a sua quantidade apresenta-se de maneira moderada, temporal e espacial.

Na sua obra *Metafísica*, Aristóteles (1973b, p. 213-214) pondera inclusive que os animais possuem privações mnemônicas, e que a própria memória no caso da espécie humana corresponde a uma privação que parte da experiência. Isto indica que, se há esta dependência mnemônica por meio da intermediação da experiência, pode-se concluir que a sua quantidade é singular – moderada, temporal e espacial. Aristóteles chega mesmo a alegar que “*a experiência é conhecimento dos singulares*”.

Pelo próprio viés ontológico aristotélico até aqui discutido, o estudo refere-se ao campo da *teorética*.<sup>14</sup> Contudo, este campo possui intuito metodológico, por isso, primeiramente, procura-se regular este viés da singularidade com base no raciocínio da retrodução. Os movimentos da natureza sob o mundo que se apresentam de maneira singular seguem uma ordem e, por seguirem esta ordem, são moderado-limitados principalmente pelas relações causais quantitativas de tempo e de espaço.

Todavia, a questão central que parece antecipar em Aristóteles a teoria da informação é que a singular relação humana com o mundo não é de entendimento fácil, tanto no que diz respeito aos limites do raciocínio como, e primeiramente, aos limites

---

uma visão espinosista) defende que as sensações de entrada do corpo ‘são’ estados perceptivos acerca do mundo; já Smith considera (principalmente desde Locke e a filosofia do século XX) que não pode ser considerada como um estado perceptivo. Esta afirmação de Smith possui uma premissa aristotélica pontual. Visto que na obra *Metafísica* Aristóteles discorre sobre os limites dos diferentes níveis de sensação dos animais. O que também vale para o animal humano.

<sup>13</sup> Passagem da *Ética a Nicômaco*, em que Aristóteles se refere ao termo “bem” – do que se pode presumir a ‘ação’ humana no mundo – só que referente a segunda categoria; quantitativa. Ou seja, a experiência humana deflacionada.

<sup>14</sup> Aristóteles indica que o campo (ou ciência) da teorética encontra-se no da admiração. Esta designada ao campo propedêutico da observação primeira – dos princípios e das causas. Pois, na observação/admiração, buscamos entender “o porquê” das coisas se manifestarem desta ou daquela forma. Quando ainda não há uma formulação prática dos resultados. Ou seja, a única estrutura aceitável pela admiração – a *teorética* – é a dúvida e o anseio ontológico.

próprios dos órgãos dos sentidos (ARISTÓTELES, 1973a, p. 278).<sup>15</sup> Esses breves apontamentos podem ser agrupados na primeira discussão central que esboça a problemática da deflação discutida nesta seção: há a deflação informacional entre mundo e corpo. Contudo, em que ponto a relação sensória do corpo pode ser considerada um estado perceptivo do próprio fenômeno da deflação? Segundo Aristóteles (2009, p. 31) “*a quantidade da carne tem limites em grandeza e pequenez*” e a bruta parte sensória – órgãos dos sentidos – que esta mesma carne capta. Ou seja; como salienta Eco (2012, p. 14), os próprios estímulos “*não podem ser considerados como signos*”. Pois, ainda, não se trata de um processo teórico de contemplação. Então, será que o estímulo que gera a sensação é a chave para o primeiro estado deflacionário? Para Smith (2011, p. 32), “*a mera sensação pode ser erroneamente tomada no lugar da percepção*”.

Considerar este conhecimento singular e objetivo do mundo, com base no próprio mundo, pode dar a entender um posicionamento de defesa a um realismo aristotélico metafísico ou misterioso. Muito pelo contrário: a questão está em sustentar a base laica de Aristóteles e aproximá-la da teoria informacional. A leitura que se propõe no presente trabalho, como referido no início, embora se reconheça o essencialismo aristotélico, não é metafísica, muito menos uma interpretação de viés escolástico, tendo em vista o reconhecimento do acerto escolástico e a sua leitura científica sobre a psicologia dos sentidos. Essa sensatez deve ser considerada.

Não se parte de interpretações que já foram feitas ou, que seguem a mesma linha de pesquisa catedrática. Até porque, igualmente, não se busca fazer uma releitura da obra do filósofo, mas sim, lançar um novo parecer ontológico do mundo em que o pano de fundo aristotélico, neste ponto da deflação, possa sustentar. Como pondera

---

<sup>15</sup> Nesta passagem da *Ética a Nicômaco*, Livro II, Seção 9, Aristóteles discute sobre a noção de virtude moral e a doutrina do meio-termo. Entretanto, pode-se interpretar que nesta mesma passagem há duas fortes relações com o que se pretende sustentar em relação à teoria da deflação – o pano de fundo aristotélico. São elas: a órgão-sensória e a racional-perceptiva. Primeiro, porque o próprio Aristóteles fecha esta discussão do Livro II, Seção 9, levantando tanto o limite racional em que nos encontramos, acerca da nossa relação moral no mundo (perceptivo-racional), como, igualmente, a da experiência corpórea vivida (órgão-sensorial). Segundo, porque é possível compreender hipoteticamente que o “meio-termo” discutido por Aristóteles, nesta Seção 9, pode ser considerado como sendo um princípio racional-homeostático. Como expõe: “[...] quem decide é a percepção” (ARISTÓTELES, 1973a, p. 278). Isto quer dizer que, ao se exagerar diante dos prazeres, é colocado em risco o próprio equilíbrio corpóreo no mundo, bem como a capacidade moral de ação sobre ele. Por exemplo: o excesso não-ritualístico do vinho pode acarretar desagradável beberagem. O excesso de determinados alimentos transforma a fartura em mal-estar digestivo. O corpo pode sucumbir devido ao excesso e ao desequilíbrio – que também é informacional – das nossas escolhas, das nossas atitudes que são, exclusivamente, perceptivas.

Hilary Putnam (2008, p. 17) em *Corda Tripla: mente, corpo e mundo*, este pano de fundo poderia ser denominado como: “o realismo aristotélico sem a metafísica aristotélica”. Putnam mesmo afirma que o encaixe metafísico deixado pelos escolásticos sobre a obra de Aristóteles poderia inibir outra seara interpretativa. Mas, enfim, do que tratam tais menções aos escolásticos e à metafísica aristotélica? Em leituras contemporâneas, discutidas em Filosofia da Mente e Ciência Cognitiva, a questão central é a psicologia da relação mundo e corpo.

#### **4. A TEORÉTICA ARISTOTÉLICA E A HOMEOSTASE PERCEPTIVA NA RELAÇÃO ATIVA COM O MUNDO**

A afirmação de Putnam (2008) de que algumas partes da obra aristotélica poderiam ser interpretadas de maneira menos metafísica servem de orientação para as menções acerca das passagens retiradas da *Ética a Nicômaco* e da *Metafísica* – como, por exemplo, a teorética e a admiração do mundo, bem como o movimento de escolha (moral) no mundo. O entendimento é de que os movimentos do mundo podem ser mensurados quantitativamente pelo próprio mundo e, na sequência, equilibrados por meio do processo que fecha essa tríade da particular da relação sensorial (corpo) e perceptiva (mente): o conhecimento sobre o mundo.

Esta afirmação pode ser reforçada a partir das interpretações da pesquisadora Martha Nussbaum<sup>16</sup> ao tratar esta temática:

This theoretical remark is closely followed by an application of the method. Aristotle first reports some of our most common beliefs and sayings about akrasia [...] Our central question has been, how far and in what ways does (and should) the world impinge upon us as we attempt to live in a valuable way? How far are we creatures who, like plants, depend passively upon what is outside of us in the world of nature? How far are we purely active intellectual beings like the souls of Plato's middle dialogues? And what is, for a human being, the best (most praiseworthy) way to be? One of the things such questioning demands is, clearly, an account of human action. We need to consider how our various movements in the world are caused, if we are going to be able to say what sorts of causal relationships between world and agent diminish, or remove, the praiseworthiness of a life (NUSSBAUM, 2001, p. 240-264).

---

<sup>16</sup> Estudiosa da filosofia grega da Universidade de Chicago.



Observe-se que nesta passagem, a autora interpreta a teorética de Aristóteles como relação moral – metodológica e de equilíbrio. Ao resgatar o termo grego *akrasia*<sup>17</sup>, tem-se que a busca pelo equilíbrio das ações no mundo ocorre por meio perceptivo. Para Aristóteles (1973a)<sup>18</sup>, o homem seria o princípio motor das suas ações no mundo; e, sendo ele, o próprio agente, quem delibera perceptivamente suas ações com os objetos que compõem o mundo, esta relação deliberativa seria apenas o meio e, não o fim – conforme se pode interpretar na passagem acima de Nussbaum. Isto acontece, justamente, por serem relações/deliberações entre o objeto e o sujeito que o percebe, ou seja, o meio é deflação.

De tal forma, é possível perceber a partir de Aristóteles uma espécie de homeostase perceptiva e, subsequentemente, uma homeostase social. Tal princípio homeostático perceptivo deve ser secundário, pois, na escala deflacionária, o corpo está na base primária. Após a primeira deflação mundo-corpo, há uma espécie de segunda deflação: a do corpo-mente. A qual se entende que Aristóteles (1973a) vem denominar de censuras do corpo.

Por isso, a capacidade de escolha por meio da racionalidade perceptiva dos objetos que estão no mundo possibilita (muito embora não garanta) o equilíbrio, ao invés da intemperança das censuras que dependem de nós. Pela via moral, o indivíduo pode censurar a quantidade de comida, mas não a necessidade de comer:

O mesmo vale para a fraqueza e a invalidez: ninguém condenaria um cego de nascença, por doença ou por efeito de algum golpe, mas todos censurariam um homem que tivesse cegado em consequência da embriaguez ou de alguma outra forma de intemperança (ARISTÓTELES, 1973a, 289).

Sendo assim, acredita-se que seja este o mesmo motivo que leva Nussbaum (2001) a resgatar a questão aristotélica, e que a fez lançar o seguinte questionamento: a partir de que ponto deixamos de ser animais ‘passivos’ e passamos a agir como animais ‘ativos’ no intuito de mantermos este equilíbrio de sermos merecedores da própria vida? A partir do momento em que se escolhe distanciar do homem acrático. Este projeto de equilíbrio de Aristóteles, a virtude e os seus meios, incentiva Nussbaum a fazer semelhante leitura de um princípio homeostático social.

---

<sup>17</sup> O termo *akrasia* encontra-se numa série de capítulos na obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco*.

<sup>18</sup> Esta interpretação pode ser lida na obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco, Parte III, Seções 3 e 5*.



A problemática levantada pela referida autora, entre o movimento animal ora ‘passivo’ e ora ‘ativo’, destaca a hipótese de uma das primeiras premissas sustentadas pelo presente trabalho: a homeostase perceptiva. A diferença substancial entre os movimentos passivos e ativos, que pautam este princípio homeostático, está apoiada em dois tópicos: (1) a categoria animal e seu movimento no mundo e; (2) a capacidade representacionista (mnemônica) da escolha humana por meio da ação – representação é ação. Para reforçar tais posicionamentos, seguem outras as indagações expostas: “*Até que ponto somos criaturas que, como as plantas, dependem passivamente sobre o que está fora de nós na natureza do mundo?*” E, continua: “*Até que ponto somos seres puramente intelectuais ativos como as almas dos diálogos intermediários de Platão?*” (NUSSBAUM, 2001, p. 264).

Logo na abertura da obra *Metafísica*, Aristóteles (1973b) apresenta as categorias animais e os níveis de sensação, com ênfase na capacidade representacionista da escolha humana. Então, os indivíduos são ativos, justamente pela capacidade representacionista da escolha. Agora, se os seus movimentos no mundo serão capazes de manter a vida, isso já se trata de uma questão de virtude, de uma homeostase ativo-perceptiva. E, a base para sustentar-se no mundo, uma homeostase social.

Ao contrário das plantas e das outras categorias de animais, os seres humanos são uma espécie que possui a ativa capacidade homeostática perceptiva (representação) da escolha. Embora deva ser observado que tal capacidade ativa de escolher pode colocar em risco a própria vida, pois, nas suas equilibradas categorias passivas, as plantas não se atiram de prédios e os ursos não fazem greve de fome, por exemplo.<sup>19</sup>

O salto da espécie humana na categoria animal ocorreu através do fator da contemplação da própria vida e da capacidade de conjecturar ações no mundo. Esse princípio baseado na sabedoria grega, abordado com perícia por Aristóteles, leva Nussbaum a interpretar a seara de uma homeostase perceptiva. Esta mesma seara homeostática é considerada por Jacques-Alain Miller<sup>20</sup> (2005) que, com um olhar mais

---

<sup>19</sup> Embora existam espécies de abelhas que praticam suicídio quando a colmeia é invadida, sabe-se que tal seara seria outra questão. Trata-se de uma discussão em que seria necessário abrir um leque para estudos biosemióticos acerca da *Umwelt*. O que não será feito nesse trabalho.

<sup>20</sup> Jacques-Alain Miller é um psicanalista com formação filosófica e pesquisador da *Université Paris-VIII UFR Sciences de L'éducation, Psychanalyse COM-FLE (SEPF)*. Embora Miller tenha feito semelhante relação à homeostase perceptiva existente na sabedoria grega, a sua leitura, por ser comprometida dentro do modelo psicanalítico, acaba por inverter o processo, tornando, inclusive, a própria homeostase perceptiva ainda vinculada a um modelo de grau passivo. O que soa normal dentro do modelo

clínico, acaba por considerar o viés perceptivo como distúrbio psicológico, e não como desequilíbrio de escolha moral.

Sobre isso, é possível encontrar uma série de paradoxos. E justamente a fim de não conspurcar qualquer linha de raciocínio de terceiros em relação à interpretação da homeostase perceptiva e social, não se pode ir adiante sem a resolução desta inversão:

Por essa razão, o campo perceptivo pôde ser o modelo mesmo daquilo que os gregos chamavam contemplação, isto é, o modelo de uma atividade desinteressada que permite alcançar a verdade. Quando há mais-de-gozar, quando há ruptura da homeostase perceptiva, quando há problemas de percepção, pois bem, pensava-se preciso pedir contas ao *percipiens*<sup>21</sup>. Ao passo que Lacan aborda o campo da percepção a partir de seus distúrbios (MILLER, 2005, p. 256).

Miller está em consonância com os argumentos sustentados neste trabalho quando assimila a ação humana no mundo e as suas devidas escolhas. Inclusive, categoriza outra escala homeostática por meio da percepção. Porém, inverte o sentido moral dos gregos e principalmente a máxima teorética, pois, baseado na própria axiologia grega, a sua afirmação acima citada percorre outro caminho: o clínico.

A inversão teorética de Miller pode ser lida a partir das perspectivas lançadas pelo próprio autor: (1) ao entender que as atividades contemplativas dos gregos eram desinteressadas;<sup>22</sup> (2) ao supor o excesso de uma determinada ação no mundo como distúrbio psicológico, acabando por preterir a teorética e invertendo o plano moral, e; (3) ao inverter o plano moral, acaba por comprometer a virtude humana escalonando-a num processo puramente clínico-passivo. O que não é adequado. Embora se saiba que Miller tenha corrigido o elevado grau de passividade da teoria lacaniana.

Sendo assim, pode-se verificar que os três pontos da inversão de Miller vão de encontro com os levantamentos realizados por Nussbaum: o momento em que se dá a

---

psicanalítico; ou seja, entender o fenômeno de baixo para cima ou a necessidade de um terceiro que ilumine o significado ao significante, passivo.

<sup>21</sup> Este termo “*percipiens*” refere-se ao sujeito (quando consciente da ação) que percebe (mundo). Termo cunhado pelo psicanalista Jacques Lacan, juntamente com outro termo “*perceptum*”: o que é percebido. Na releitura lacaniana feita por Miller, o *perceptum* não seria necessariamente objeto físico. Por exemplo, para Miller esta seria a fórmula: X (realidade) - *perceptum* (percebido) - *percipiens* (observador). Quando ambos estão ajustados tem-se a objetiva noção equilibrada da realidade. Caso contrário, ocorreria o distúrbio psicológico da percepção com relação à realidade. Contrariando a dualidade lacaniana, Miller aponta a possibilidade de termos uma realidade perceptiva que rompe com o *sensorium* (corpo como “o outro”), mas que depende exclusivamente dele. Assim, quando há o processo de ruptura perceptiva, tem-se a ocorrência de tais distúrbios.

<sup>22</sup> Neste ponto específico, adiante será trabalhada a abordagem feita pelo biólogo bioexistencialista Cristian Garvia Araoz. Garvia, quanto às ‘diferenças equivalentes’ entre reflexão e percepção muito interessante em Aristóteles que, talvez, possa concertar o equívoco (ou generalização) de Miller.

transição animal passiva para a ativa. Mesmo que Miller relacione a sabedoria grega numa forma de homeostase apenas perceptiva e não social, este inverte a axiologia grega, pois aloca o desejo humano – na psicanalítica forma de pulsão – acima da decisão moral. Assim, entende-se que Miller acerta na relação, mas inverte o processo. O ato perceptivo da contemplação citado por Miller não é descomprometido – mas sim, um exercício espiritual. Mesmo que o tenha afirmado de maneira genérica, há de se saber que, para os gregos, tratava-se de um exercício espiritual, inclusive.

Pierre Hadot (2002, p. 24), historiador da filosofia antiga, na sua obra *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*, percorre concomitantemente a mesma seara indicada por Miller: a sabedoria dos gregos antigos era composta por exercícios destinados para uma mudança radical na maneira de ser. Então, se há um destino de mudança, pode ser descomprometido? E, por ser uma escolha, uma busca virtuosa pelo equilíbrio, o rompimento da percepção homeostática está no campo moral ou no campo clínico? “*Ce mal que l’on peut toujours éviter, doivent, pour être tels, dépendre uniquement de la liberté de l’homme: ce sont donc le bien moral et le mal moral*”. Segundo Hadot (2004), a forma de vida teórica em Aristóteles está na conduta moral voltada ao bem, à virtude – elevando o homem e afastando-o da prostração. Designa um alto compromisso consigo mesmo e, principalmente, a qualidade dos pensamentos em relação a qualquer via material.

Esta é a maneira como se deve compreender o princípio de uma homeostase perceptiva: por meio da livre e espontânea escolha moral. É a partir da própria evolução animal que os indivíduos vêm a alcançar a capacidade reflexiva de direcionar as suas atitudes, assertivamente, perante o mundo, ou seja, uma homeostase social. Após o momento em que a auto-organização corpórea (primeira manifestação homeostática) encontrar seu equilíbrio deflacionário mundo-corpo, os seres humanos, num segundo momento da existência, passam a ser corresponsáveis em manter este primeiro bioequilíbrio. Por isso mesmo, acredita-se que a abordagem feita por Hadot acerca da filosofia cotidiana dos gregos antigos corresponde à maneira pedagógica de um trabalho homeostático civil e social.<sup>23</sup> Comprometidos, teoricamente, com o equilíbrio do indivíduo e da cidade.

---

<sup>23</sup> Importante pesquisa acerca desta temática encontra-se em Michel Foucault – o cuidar de si – em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito* (ano). Foucault resgata a sabedoria dos gregos na mesma forma de exercícios espirituais. Apresenta a maneira pedagógica dos gregos antigos de se espiritualizarem no

Vale a pena ainda lembrar que a relação homeostática bruta feita por Miller está correta. Todavia, ele inverteu o processo animal desta relação, pois a inversão de Miller condena o homem a um estado patologicamente passivo.

Miller (1997) chega a citar o exemplo da escola estoíca e a homeostase do prazer. Porém, a sua leitura freudiano-lacanianiana parte do pressuposto de que há uma espécie de conflito entre o prazer e o gozo. O gozo seria esta tensão que levaria o indivíduo a romper o equilíbrio dentro do próprio prazer. O não romper por meio desta tensão seria a nossa própria impotência. Assim, causando a disfunção neurológica e o distúrbio psicológico: a não realização de algo que extrapola o próprio prazer; o mais-de-gozar.

Contudo, os argumentos propostos neste trabalho discordam desta tese psicanalítica (inversa) acerca da homeostase perceptiva alinhando-se a outra perspectiva, nomeadamente a do biólogo Cristian Garvia Araoz (2010), ao resgatar em Aristóteles uma tese neurobiológica em que as sensações – campo do prazer – interagem por meio de estruturas responsáveis entre os campos da memória, da sensação e da vontade. Esta interação resulta na consciência perceptiva e, subsequentemente, na consciência reflexiva. Por isso, futuramente as novas teses biológicas a favor da filosofia de Aristóteles devem ser consideradas para a compreensão da deflação mundo-corpo-mente.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Aristóteles supõe uma extensão desde os traços dos primeiros estímulos comuns até as faculdades noéticas. É um modelo fisiológico que visa sustentar que a homeostase humana não termina na organização corpórea, mas sim, acresce aos estados perceptivos e reflexivos como por exemplo a explicação referida na seção 4 deste trabalho, em que o biólogo Araoz (2010) explica, por meio de um esquema aristotélico, como ocorre a organização de todo o princípio homeostático.

---

mundo: o conhecer a si mesmo partindo do próprio mundo. Vale a pena destacar a figura emblemática que tanto Foucault como Hadot usam como exemplo desta via moral: Marco Aurélio. Ambos demonstram como a prática teórica não é descomprometida. Foucault chega a dizer que: “no livro de Hadot sobre os exercícios espirituais na Antiguidade, temos um capítulo notável sobre os exercícios espirituais em Marco Aurélio [...] Como esse exercício vai se desenvolver e em que ele consiste?” (Foucault, 2011, 259-62). A passagem de Hadot à qual Foucault se refere encontra-se na obra *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*, sub-capítulo *Le Schéma Ternaire chez Marc Aurèle* (O Esquema Ternário em Marco Aurélio) a partir da página 165. A base dos exercícios de Marco Aurélio apresenta-se sempre numa sequência triádica.

Seu esquema parte da relação bruta com o mundo através dos cinco sentidos, correspondendo a uma espécie de faculdade integrante: a sensibilidade comum. Todavia, esta relação direta/primária com o mundo através dos cinco sentidos não é suficiente para explicar a diversidade das formas, dos sons e dos outros componentes da *physis*. Este princípio deflacionário volta-se unicamente a manter o equilíbrio corpóreo a partir da relação com a parte limitada do mundo.

Em consonância com o princípio aristotélico, entende-se que os componentes transduzidos da forma são incompletos, substancialmente. Primeira lei homeostática: não sucumbir à auto-organização corpórea. Urge, então, distinguir os detalhes por vias da organização homeostática: a corpórea (primeira lei) e a teórica (segunda lei). O resultado dessa composição por meio do indivíduo que está no mundo seria o princípio geral da homeostase social.

Segundo o neuropsiquiatra e neuropsicólogo Jean-Claude Tabary<sup>24</sup>, a auto-organização homeostática dá-se a partir da relação entre os ruídos do mundo e o nosso sistema nervoso. Este processo seria um dos principais papéis do sistema nervoso: gerador de ordem. Destaca-se, assim, a vivacidade contemporânea de Aristóteles entre a filosofia, a biologia e a física, mas principalmente as discussões acerca da deflação informacional, que poderão ser aprofundadas em trabalhos posteriores de pesquisa.

## 6. REFERÊNCIAS

- ARAOZ, Cristian Garvia. **Aristote avait raison**. Raleigh NC: Lulu Press, 2010.
- ARISTÓTELES. **Física I-II**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- ARISTÓTELES. Física III: 4-8: O tratado do infinito. Tradução: Arlene Reis, Fernando Coelho, Luís Felipe Bellintani Ribeiro. PERI – **Revista de Filosofia**, ISSN 2175-1811, Florianópolis, Santa Catarina, p. 98-110, 2010.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973a. (Coleção Os Pensadores)
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1973b. (Coleção Os Pensadores)

---

<sup>24</sup> Estudioso defensor do realismo epistemológico e da autonomia biológica.



- ARISTOTLE. **Greek Library 400 BC – 300 BC Prose Philosophy Physics**. Harvard University Press, DOI: 10.4159/DLCL.aristotle-physics, 1957.
- BENNETT, Max. HACKER, Petter. **Fundamentos Filosóficos da Neurociência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- CHANGEUX, Jean-Pierre. **L’Homme de Vérité**. Paris: Odile Jacob, 2004a.
- CHANGEUX, Jean-Pierre. **A Verdade e o Cérebro: o homem de verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004b.
- CHURCHLAND, Patricia Smith. The Impact of Neuroscience on Philosophy. **Neuron**. Volume 60, Issue 3, p. 409-411, 6 November, 2018.
- CHURCHLAND, Patricia Smith. **Neurophilosophy: toward a unified science of the mind brain**. Cambridge: The MIT Press/Bradford Books, 1986.
- CHURCHLAND, Patricia Smith. **Matéria e Consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. São Paulo: Unesp, 2004.
- DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DUMOUCHEL, Paul. DUPUY, Jean-Pierre. (Direction) **L’auto-organisation: de la physique au politique**. Paris: Éditions du Seuil, 1983 (Colloque de Cerisy)
- ECO, Humberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- HADOT, Pierre. (2002) **Exercices Spirituels et Philosophie Antique**. France: Éditions Albin Michel, 2002.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga? 2ª Edição**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- KICKHÖFEL, Eduardo. **As Neurociências: questões filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (Coleção Filosofias: O Prazer do Pensar Vol. 27)
- MILLER, Jacques-Alain. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- NUSSBAUM, Martha. **The Fragility of Goodness: luck and ethics in greek tragedy and philosophy**. Revised edition. New York: Cambridge University Press, 2001.
- PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- PUTNAM, Hilary. **Corda tripla: mente, corpo e mundo**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.
- SMITH, Will. **O enigma quântico: desvendando a chave oculta. 2ª edição**. Campinas: Vide Editorial, 2011.

SMITH, Will. **Cosmos and transcendence**: breaking through the barrier of scientific belief. 2<sup>nd</sup> edition. California: Sophia Perennis, 2008.

SPINELLI, Miguel. Sobre as diferenças entre éthos com  $\epsilon$  e éthos com  $\eta$ . **Trans/Form/Ação** [online]. 2009, vol.32, n.2, pp.9-44. ISSN 0101-3173. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732009000200001>.

TABARY, Jean-Claude. **Du cerveau à la pensée**: par la rencontre avec l'autre. Disponível em <http://cerveau.pensee.free.fr/>. Acessado em 31/05/2016. (Manuscrito original não publicado)

TABARY, Jean-Claude. **Théorie de la connaissance et autonomie biologique**. Disponível em <http://cerveau.pensee.free.fr/>. Acessado em 22/04/2015. (Tese de Doutorado 1993)